

Pobres &



"Nojenta" é a pessoa que
questiona velhos valores, cria
o novo e persegue vida boa e
bonita para todos

Nojentas

Florianópolis (SC), novembro/dezembro de 2007 - Ano 2 - Nº 10 R\$ 4,00

Foto: Eduard Schmitz



Benedeira de palavras

**Neiciclagem, o
embaixad do lixo**

**Poder obedencial
na TV Brasil?**

3 Editorial

4 **Croniportagem**
O observador às margens do rio Itajaí

7 **Crônica**
Sim, sou presepista!

8 **Educação**
O lixo vai fora?

11 **Entrevista**
Hilda Hilst: o último sopro

14 **Palavra**
Dona Severiana

18 **Mulheres**
Retrato sobre o Retrato

20 **Comunicação**
Telesur e TV Brasil: qual a diferença?

24 **Resenha**
Minhas Memórias de África

25 **As delícias de Su & Li**

26 **Tempo livre**
A vida é f...



Cooperativa da palavra
libertária, criadora,
caminheira. Não quer lucro,
nem fama. Sonha derrubar
muros que separam e
escondem aqueles que têm
a sua palavra calada,
mutilada, censurada,
castrada, quebrada,
torturada, em nome do lucro,
do mercado, da competição.

Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Janice Miranda
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosângela Bion de Assis
- Sandra Werle

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração e Tratamento de imagens

Rosângela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)
Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)

Dez para uma revista de classe

Dezembro chega trazendo de presente o número 10 de *Pobres & Nojentas*, ainda menina, quase moça, e com três novidades.

A primeira é a mudança na capa, em preto e branco, alteração necessária porque a revista continua “pobre”, apesar de ainda mais “nojenta”.

Para esta edição, mais uma vez contamos com dois apoios culturais, do Sinergia e do Sindprevs, sindicatos de Florianópolis. Graças aos apoios culturais, será possível distribuir gratuitamente 60 exemplares de *P&N* entre moradores e formadores de opinião em dois bairros da Capital catarinense.

A terceira novidade é a estréia de um – por assim dizer – gênero novo, a croniportagem, mescla de crônica e reportagem que deseja deixar a palavra cada vez mais translúcida, como define o jornalista e poeta Fernando Karl:

Essa matéria fina de toda a certeza - música do pensamento - é a palavra, e com ela pronunciamos o

indizível de sermos céu,
pêssego,
caligrafia.

A edição alimenta a vida que pulsa com o perfil de Severiana Rossi Correa, feito pelo jornalista Eduardo Schmitz, de Taió [SC], e de Valdinei Marques, o Neiciclagem. A jornalista Elaine Tavares trata da diferença entre Telesur e TV Brasil, e Raul Fitipaldi homenageia as mulheres latino-americanas. E ainda há crônica, poesia, colunas, tudo no palavreante modo de ser de *P&N*, feita com paixão.

Como disse Hilda Hilst a Fernando Karl, texto-poesia-croniportagem nesta edição, o mistério dos mistérios é “a paixão, a nostalgia da paixão, que é terrível, mas que, por outro lado, faz você revivescer”.

Que 2008 nos receba com paixão!

RECADO NO BLOG

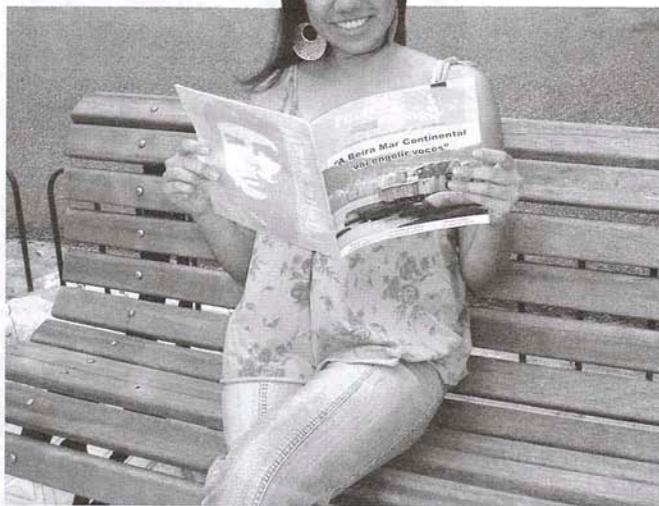


Olá, meninas da revista mais criativa de SC. Fiquei contente de encontrá-las na internet. Adicionei o endereço no meu blog para os amigos também conhecerem o belo trabalho de vocês.

Meu bloguinho é <http://tania-rodrigues.zip.net>

Abração e muito sucesso.

Tânia Rodrigues



Ju Sakae,
estudante de jornalismo, lê *Pobres & Nojentas*

Foto: Sandra Werle

Veja o blog da revista <http://pobresenojentas.blogspot.com>

EDITORIAL

Por Míriam Santini de Abreu,
de Florianópolis

O observador às margens do rio Itajaí

Diário do século 19 torna vivo o cotidiano de outro tempo

Schlup e o rio
Itajaí-Açu ao fun-
do: "o peixe era
tanto nos
ribeirão de
água forte!"

Encanta-me o nome do primeiro jornal no Norte catarinense, o Der Beobachter am Mathiasstrom - O Observador às Margens do Rio Mathias - nascido em 2 de novembro de 1852 pelas mãos do imigrante polonês Karl Konstantin Knüppel. Imagino o homem a observar os humores do hoje poluído rio Cachoeira, que corta Joinville, e os humores dos primeiros colonos, para, pacientemente, redigir pequenas notícias e anedotas que depois eram copiadas e vendidas aos ávidos por informação. Gesto da noite do tempo, tão humano, esse de se deixar ficar à beira dos rios e a partir deles observar.

Foi também o que fez Francisco Frankenberger, nascido em 4 de outubro de 1856 na Alemanha, que veio para o Brasil e, depois de morar três anos em Blumenau, estabeleceu-se em Rio do Sul, no Alto Vale do Itajaí. Era setembro de 1892. Frankenberger observava e escrevia. Seus escritos podem ser lidos em um pequeno diário cor de ferrugem guardado no Arquivo Público Histórico de Rio do Sul e que, segundo a diretora Cátia Dagnoni, é um dos documentos mais importantes do acervo.

O diário é estruturado em duas colunas, a primeira dedicada ao tempo e a segunda aos acontecimentos na Colônia. Dizem, as breves notas, dum lugar de dois séculos atrás, dum cotidiano que muito lembra a expressão de Albert Camus, cotidiano de *um primeiro homem*, mas cuja história não se evaporou sob o sol nem se perdeu sob a cinza porque foi tornada eterna pela palavra. Os diários

escritos em alemão e a tradução para o português estão disponíveis no Arquivo Público Histórico de Rio do Sul e na publicação *Rio do Sul: Nossa História em Revista*.

Fala, Frankenberger, da busca de alimento nas matas e no rio:

“

5 de setembro de 1892 - Coberto, chuva. Voltei de canoa, de passagem cacei antas, mas não deu nada.

18 de setembro de 1892 - Nublado, agradável. Pesquei, apanhei quatro peixes.

16 de abril de 1893 - Chuva, de manhã lua nova, coberto, bonito, clareou, muito bonito. Hoje apanhei 5 pacas, a tempestade de ontem quebrou o milho ainda mais. ”

Anotações sobre os cultivos:

“

24 de agosto de 1892 - Nublado. Vinho de laranja está ainda a fermentar.

13 de dezembro de 1892 - Muito bonito. Semeamos ervilhas, fui ao Rio do Bugre comprar víveres.

11 de fevereiro de 1893 - Chuvisco, chuva forte. Semeei repolho, alface, pepino, etc. ”

A anotação considerada historicamente a mais importante é a de 7 de setembro de 1892, que situa Frankenberger como o primeiro co-

lonizador do Alto Vale do Itajaí:

“

Coberto, de noite chuva. Trabalhei pela primeira vez na minha colônia. ”

O dia-a-dia na então localidade de Matador tem nascimentos e mortes, passagem de tropas, missas, visitas a conhecidos, doenças, cuidados com os animais (*A égua Jenny sofreu mordida de morcego e foi agredida por vermes, aplicamos mercúrio - 7 de novembro de 1892*) e fenômenos naturais (*Chuvoso, agradável, à notinha lua cheia, nublado, eclipse lunar - 4 de novembro de 1892*).

Em 12 de agosto de 1892, o Observador registra:

“

Coberto, nuvens altas, de noite chuva. Não aconteceu nada de especial, tudo está como era. ”

Os humores da natureza, especialmente do rio – em Rio do Sul está a nascente do rio Itajaí-Açu, formada pela confluência dos rios Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste – são saborosamente adjetivados por Frankenberger: *forte vento terral, o rio cai lento, violentas trovoadas o dia todo*.

Décadas depois desses escritos, em 1983 e 1984, o rio caiu violento; 70% da área urbana do município foi afetada e a agricultura ficou completamente destruída. As duas grandes enchentes

Observações sobre as enchentes fazem parte dos registros históricos no Vale do Itajaí.

atingiram 120 das 125 indústrias, segundo artigo de Daniel Tomasini e Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhnn no livro *Rio do Sul: uma história*. No mesmo livro, Thaís Luzia Colaço e Jó Klanovicz dizem que há relatos esporádicos sobre enchentes no Vale do Itajaí desde 1851.

O diretor da Coordenadoria Municipal de Defesa Civil, Alécio Leontino Pereira, informa que, em julho de 1983, quando houve 20 dias de chuva, o rio atingiu a marca mais alta registrada, 15,08 metros. O nível normal oscila entre 1,20 e 1,50 metro. Até quatro metros, a situação é normal; entre 4 e 5, de atenção; de 5 a 6,5, de alerta; acima de 6,5, de emergência. Diariamente, às 7 e às 17 horas, o funcionário da prefeitura Olegário Darolt verifica a altura atingida pelo rio num ponto no centro da cidade.

Como Frankenberger, ele é um Observador, e seus registros viram planilhas no computador. Mas é pouco medir em apenas um ponto. É que essa atividade de monitoramento andava em segundo plano, com falta de investimento, o que deve mudar no primeiro semestre de 2008 com a instalação de novos pontos de medição automática, chegando a 19, com recursos do Fundo Estadual de Recursos Hídricos e da Universidade Regional de Blumenau (FURB), totalizando cerca de R\$ 1,500 milhão aplicados. Hoje, quando o nível da água pode comprometer o município e a população, são fechadas duas barragens, uma em Taió e outra em Ituporanga, que fazem parte do sistema de contenção de cheias do Vale do Itajaí. O sistema estava com pouca ou ne-

nhuma manutenção, situação que começou a mudar em 2007.

Hilbert Schlup, 67 anos, apelidado de Seu Madruga, maneja com firmeza o rastel com o qual afofa a terra numa área verde da Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (Unidavi) às margens do Itajaí-açu. Funcionário da Universidade há quase 11 anos, ele cuida da limpeza e da conservação, e conhece boa parte das árvores plantadas na barranca próxima à margem do rio, separadas – a barranca gramada das águas cor de chocolate – por uma terra cinza e rachada:

- Olha, ali é um cedro, ali uma canela de casca, e esse aqui é um ipê – enumera Schlup, que está sempre com um chapéu preto um pouco amassado. Tem um para o trabalho e outro para sair – adora ouvir música e dançar. Ele conta que trabalhou na roça, como arrendatário, mas teve que deixar a vida de agricultor para trás. “Depois me joguei de empregado.”

Schlup, quando pequeno, gostava de brincar no rio, e lamenta que hoje as águas do Itajaí-açu não sejam mais cristalinas.

- A gente se jogava ali, era branquinha, o peixe era tanto nos *ribeirão* de água forte! Hoje não se vê mais um peixe pular, não dá mais coragem de tomar um banho.

O rio, diria Frankenberger, cai lento, e agora também não tão cristalino.

***Veja entrevista com Schlup na conta de P&N no You Tube, <http://br.youtube.com/PobresyNojentas>**

Sim, sou presepeista!

**Por Elaine Tavares,
de Florianópolis**

Tenho gravada nas retinas e no coração as imagens dos natais da minha infância. No início do mês de dezembro minha mãe começava a preparar a construção do presépio. Era uma tradição. Nós, os três filhos, participávamos organizando os personagens da famosa noite em que nasceu Jesus. A família, os bichinhos, os pastores, os reis magos, a estrela. A coisa levava o mês todo. Havia a árvore de natal, mas ela era absolutamente secundária. Porque minha mãe reverenciava o menino e não o Papai Noel. Naqueles dias, no interior do Rio Grande, o capitalismo selvagem ainda não tinha chegado com toda a sua força. Depois, eu cresci, e segui a velha tradição. Todo o natal, monto o presépio com todos os seus personagens. Passo o mês inteiro esperando pelo dia do aniversário daquele que tenho como uma das figuras que mais amo no mundo.

Sempre há os que dizem que ele não existiu, que é uma invenção de Paulo, o apóstolo. A mim não importa. Tudo que sei é que as histórias que dele se con-

tam, das coisas que ensinou, amparam minha prática de vida. Jesuânica. Por isso o natal é tão importante para mim. Não que eu precise de um dia específico para lembrá-lo ou falar dele. Mas é um aniversário e é bom celebrar.

Por isso me agride a imagem gigante do Papai Noel que foi montada na entrada da cidade onde moro, Florianópolis, num chamado ao consumo. E me choca ver que as pessoas acham lindo e sequer questionam toda a carga de ideologia que aquele

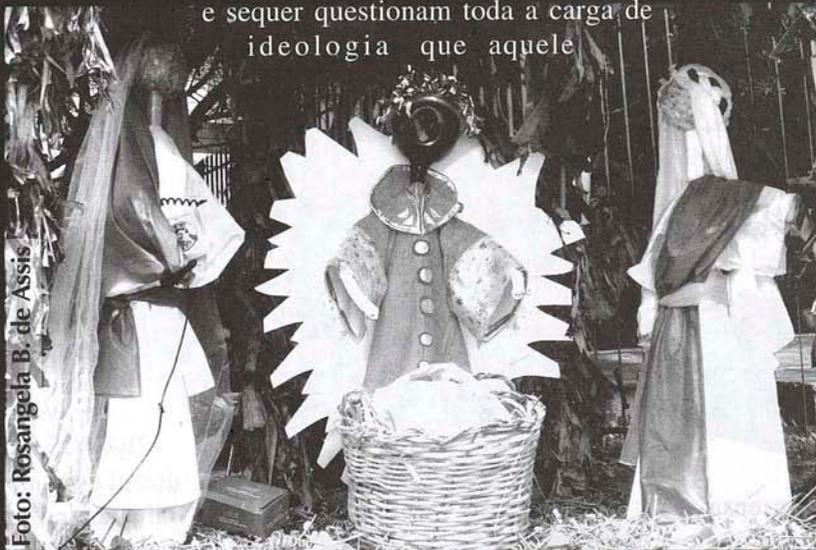


Foto: Rosângela B. de Assis

Presépio da Comcap em Florianópolis.

símbolo sustenta. Aqui, na ilha da fantasia, o natal é sinônimo de compras. A própria figura do Papai Noel perdeu seu sentido original, do bom velhinho que vinha visitar as crianças na noite do grande advento. Agora, natal significa consumo, louco, desenfreado. Nas telas da

TV tudo o que se fala é da porcentagem do aumento das vendas e nas ruas está o frenesi dos pacotes.

Eu não dou presentes no natal. Busco o refúgio interior e o encontro com a idéia de Jesus, o cara do aniversário. Conspiro com as demais culturas originárias do hemisfério sul que celebram o solstício de verão. Faço minhas cerimônias, minhas rezas e celebrações. No dia do solstício, que é o 21, o sol parece ficar estacionado no céu. O dia é longo e a gente faz reverências àquele que nos dá calor e propicia a vida.

Então, natal é isso: festejar a vida. Celebrar com os que amamos a idéia de que o mundo precisa ser justo, que as riquezas devem ser repartidas, que as pessoas devem ser solidárias e amorosas. É dia de comungar com os ancestrais, com a natureza, com a vida que vive. Dia de agradecer por poder estar neste lindo jardim. Se há algo a presentear, que seja essa idéia, de que o natal não é um dia para comprar presentes impessoais, impostos pelo mercado capitalista. O natal é dia de armarmos nosso presépio interior, com todos os personagens do nosso grande advento.

Feliz Natal... Feliz Solstício...!

O lixo vai fora?

Museu em Florianópolis guarda, em forma de arte, o refugio da sociedade de consumo

Por Miriam Santini de Abreu, de Florianópolis

São José, um gari; Virgem Maria, uma *margarida* - nome dado às mulheres que varrem as ruas de Florianópolis. Assim é o presépio na entrada do Centro de Transferência de Resíduos Sólidos (CTReS) da Companhia de Melhoramentos da Capital (Comcap). Os três reis magos são representados por um *espeto* - trabalhador que recolhe o lixo nas calçadas - um auxiliar de roça e um motorista. Figuras montadas com cabos, garrafas pet, latas de alumínio, fios. Homenagem aos trabalhadores que também anuncia, assim como o Natal, um tempo novo, no qual talvez se compreenda a insensatez de um modo de vida no qual tanta coisa “vai fora”. Fora de onde? Para onde?

São reflexões inspiradas pelo Museu do Lixo, um galpão de 200 metros quadrados no CTReS, coordenado pelo educador e artista plástico Valdinei Marques, o Neiciclagem, 29 anos, também idealizador do presépio. O Museu, inaugurado em 2003, parece ser,



Foto: Vera Flesch

ao mesmo tempo, o rascunho e o refugio do mundo, estranho lugar onde objetos técnicos pensados e construídos para alguma utilidade de repente deixam de tê-la. Mas ali, juntos, adquirem um sentido novo, saídos da aparente inutilidade para compor quimeras:

CD vira olho, teclado de computador transforma-se em violão, tartaruga de pano é encosto de sofá, ferro de passar roupa pode ser a brasa ou a vapor, um e outro num mesmo expositor de ferro retorcido.

A jornalista catarinense Ana Paula Lückman costuma dizer que lixões e aterros sanitários são os nossos sambaquis. Esse é o nome dos sítios arqueológicos existentes no litoral atlântico, montes de conchas que revelam parte do modo de vida de homens e mulheres de centenas de anos atrás. Tal como os sambaquis, os aterros e lixões, a partir de um olhar “arqueológico”, dizem do ato de comer, de beber, vestir, calçar, da forma, enfim, de se experienciar, no tempo-agora, a vida e a morte. Mesmo o ato de “jogar fora” praticado 100, 200 anos atrás, tem diferentes conseqüências hoje, quando, no mundo capi-

talista, coisas são mercadorias e têm vida útil cada vez mais curta. É a chamada “obsolescência programada”, produto feito com data de validade, para ser lançado no lixo e dar lugar a outro. Um mundo fadado, como as mercadorias que produz, a não ser duradouro.

Por isso Neiciclagem abre um sorriso no rosto largo e claro quando fala do Museu e lá recebe visitantes, que já somam cerca de 4 mil. “Esse trabalho representa, para mim, arte e cultura, e quero fazer com que outras pessoas sonhem, imaginem o belo naquilo que consideram lixo.” Para isso, quem vai ao CTReS, a maioria estudantes, percorre um circuito de sensibilização. A primeira informação a saber tem raízes na história.

O livro *Uma cidade numa ilha*, do Centro de Estudos Cultura e Cidadania, diz que, no século 19, os habitantes da póvoa de Desterro, antigo nome de Florianópolis, jogavam o lixo nas praias. Naquela época, bem distante do nascimento da idéia de turismo, o fundo das casas era voltado para o mar, destino final dos dejetos. Na primeira metade do século 20, o lixo passou a ser depositado próximo à cabeceira insular da ponte Hercílio Luz, onde está hoje o Parque da Luz. A partir de 1956, foi a vez de parte do manguezal do Itacorubi, atual sede do CTReS, virar depósito. Atualmente, o aterro sanitário que recebe os chamados “resíduos sólidos” fica em Biguaçu.

Nei conta isso ao mesmo tempo em que mostra os morros do antigo lixão do Itacorubi, agora coberto de terra e de uma vegetação mais ou menos rasteira. A parada seguinte é a Central de Transbordo, onde o que é recolhido na Capital passa dos caminhões de coleta para outro, maior, que leva tudo ao aterro. O lixo despenca num gotejar escuro e viscoso - restos de comida, papel, plástico e o que houver – massa de sacos disformes e amarrotadas todos os dias jogados fora... jogados dentro?

O que se salva vai para o Museu pelas mãos de garis como Paulo Sergio Fernandes, cuja equipe, que atua na coleta no bairro Monte Verde, é uma das mais dedicadas ao resgate de coisas aparentemente mortas. Paulo deixa ali uma estatuinha de madeira, alguém soprando uma flauta, e a estatuinha revive graças ao sopro artístico de Nei.

De tudo o que há ali, Nei gosta particularmente dos velhos discos de vinil – “eles têm bastante energia” - de um telefone preto daqueles de discar – “imagino quem ligou dele, e para onde” – e de um crucifixo de gesso.

Ele passou no concurso da Comcap em 2002, para fazer a varrição de ruas. Já sabia fazer trabalhos manuais

Fotos: Miriam Santini de Abreu



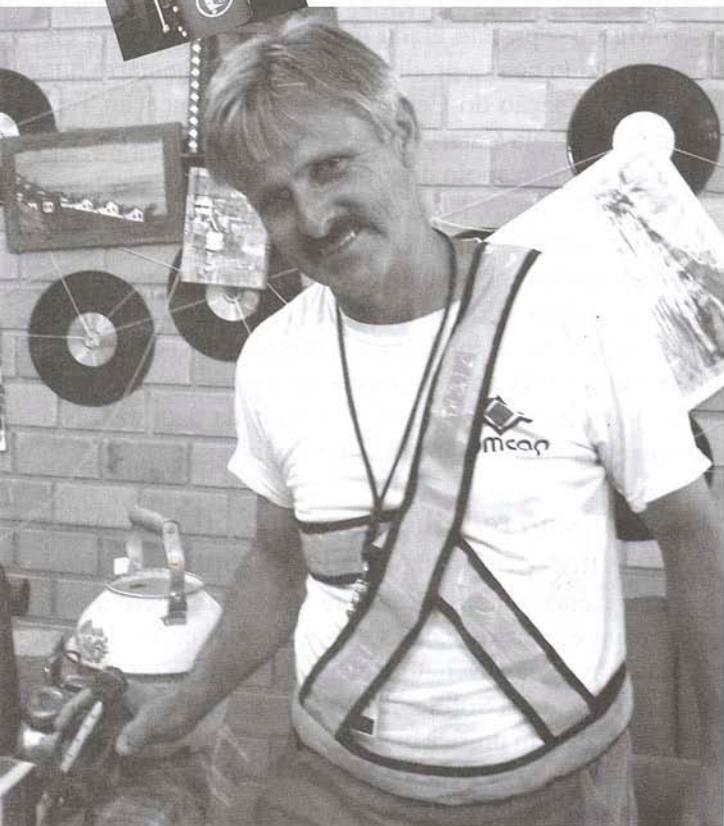
com raízes, sementes e cordas, aprendidos no tempo em era camelô, também havia feito e ministrado vários cursos e, depois de alguns meses, viu aberta a vereda da educação ambiental. Seguiu por ela e, com a ajuda de colegas, fez o Museu – projeto ainda tímido – crescer. Agora ele está envolvido com a produção de um documentário que tem a participação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (Cefet-SC) e de uma empresa de Itajaí, além do apoio do grupo Dazaranha.

Fora da Comcap, Neiciclagem também não pára. Casado com Adriana, pai de Lucas, Gabriel e Rafael, ele faz oficinas com jovens do bairro Monte Cristo, participa da rádio comunitária, cria novas letras, sobre o lixo, para músicas conhecidas, é sonoplasta. Entrega aos visitantes do Museu um certificado de agente ambiental, só recebido pelos que fazem a promessa de cuidar da natureza. Nei costuma dizer que é o embaixador do lixo.

A Comcap recolhe cerca de 350 toneladas de resíduos por dia em Florianópolis, número que chega a 500 toneladas no verão. A coleta seletiva própria – sem contar os catadores - é tímida, cerca de 200 toneladas por mês. Renato Rocha, da Divisão de Valorização de Resíduos Sólidos, diz que a prefeitura está buscando colocar em prática medidas para ampliar a coleta, e uma delas é a organização dos catadores para dar mais valor agregado aos resíduos. “As novas tecnologias estão levando a um melhor aproveitamento de metais e garrafas PET, por exemplo”, comenta.

No meu tempo de *A Notícia* (jornal de Joinville, SC) eu ficava horas espiando um espantalho, humilde, ali atrás de um Hotel barato próximo da rodoviária. Se chovia nele, chovia em mim. E assim eu aprendi que até as coisas aparentemente mortas têm pulsação, sopro.

Fernando Karl



O que se salva do lixo vai para o Museu pelas mãos de garis como Paulo Sergio Fernandes.

Na Capital há duas associações fortes. Em setembro, os catadores fizeram um encontro e uma das reivindicações foi a participação direta deles na construção das políticas públicas integradas de resíduos sólidos. O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, criado em 2001, estima que haja de 300 mil a 1 milhão de pessoas no país que vivam desse trabalho. O MNCR, isoladamente, tem cadastrados 35 mil catadores, reunidos em 330 grupos de cooperativas.

Segundo o 4º Diagnóstico do Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos 2005, divulgado pelo Ministério das Cidades em 2007, com dados de 192 municípios, foram coletados 15,8 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos, dos quais 68,5% depositados em aterros sanitários. Os resultados revelam que a coleta de resíduos sólidos atende, em média, 97,5% da população urbana, com frequência média de duas ou três vezes por semana. Da quantidade coletada, cada habitante é responsável por 0,79 kg por dia. Na coleta de resíduos domiciliares (excluídos os públicos), a proporção é de 0,58 kg por dia por habitante.

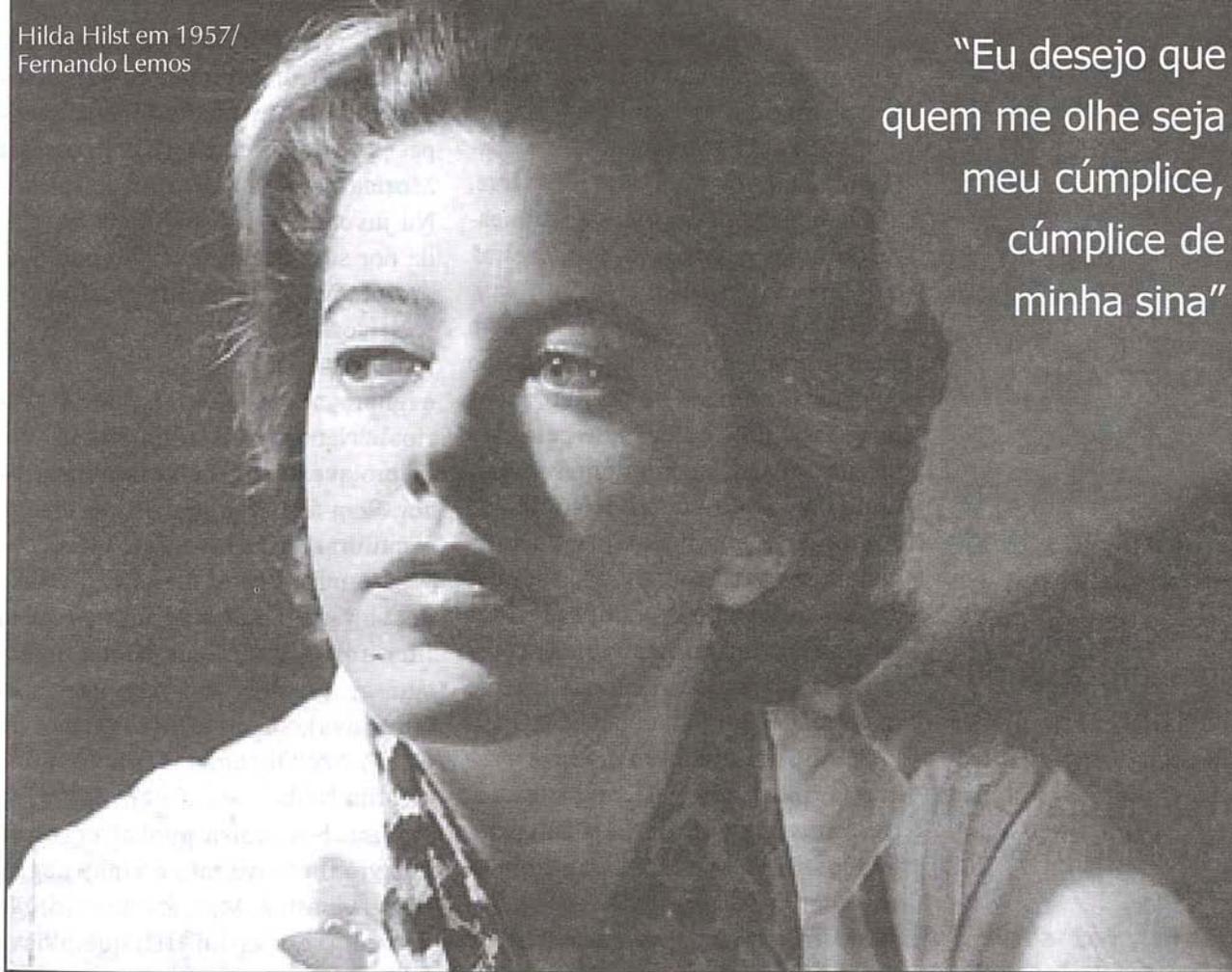
Em setembro, o governo enviou ao Congresso Nacional o projeto de lei que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. O texto é generalista demais e precisa ser regulamentado depois de aprovado, mas tem algumas novidades. Uma delas é a chamada logística reversa, que exige das empresas o compromisso com o destino final de seus produtos depois do consumo. Atualmente é o poder público o maior responsável pela destinação do lixo.

O problema é saber até que ponto isso vai mudar a composição dos modernos sambaquis, onde se amontoam restos de um tempo em que a palavra de ordem é consumir. Muito se fala nos 3 R do lixo: reduzir, reutilizar e reciclar. Mas há aí um N e um P deixados de lado porque mexeriam de verdade em todo esse processo: Não Produzir tanto lixo.

Spectreman, série japonesa exibida no Brasil nos 1970 e 80, tinha como vilão o Doutor Gori, cientista que criava monstros para dominar a terra. Um deles, comedor de lixo, quanto mais comia, mais crescia. As empresas falam muito em reciclar, mas deixar de tocar no tema espinhoso da produção do lixo, que é infundável, significa isso: apenas acariciar o monstro.

***Veja entrevista com Neiciclagem na conta de P&N no You Tube, <http://br.youtube.com/PobresyNojentas>**

Hilda Hilst em 1957/
Fernando Lemos



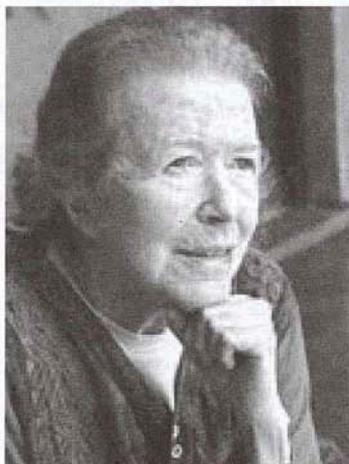
“Eu desejo que
quem me olhe seja
meu cúmplice,
cúmplice de
minha sina”

ENTREVISTA

Hilda Hilst: o último sopro

Por Fernando José Karl, de Curitiba

A última vez que estive com Hilda Hilst (1930-2004) foi em sua chácara nos arredores de Campinas/SP – era o ano de 2002 – quando ela me disse, à entrada de sua Casa do Sol, com voz de sabre cortante: “Tudo o que eu escrevi foi em direção a essa coisa da busca. Sempre falo que é como se fosse a nostalgia de alguma coisa que perdi. Sabe, uma beleza que nós todos intuímos, uma beleza



Apelidada de “esfinge da literatura brasileira”, Hilda criou uma outra língua portuguesa, mais densa e metafísica que a praticada cotidianamente.

que você já viu, uma luz que você já teve, uma perfeição que você talvez tenha atingido”.

Essa paulista de Jaú ainda me confidenciou inúmeras coisas belas que, aos poucos, vou desfiando aqui nessa croniportagem para a *Pobres & Nojentas*.

Hilda Hilst sempre encarnou, em sua escritura, a santa, a prostituta, o corifeu. Com mais de 40 títulos publicados e uma coleção de pelo menos oito dos mais importantes prêmios literários do país, HH só não se conformava com uma coisa: a falta de leitores para seus livros. Apelidada de “esfinge da literatura brasileira”, Hilda criou uma outra língua portuguesa, mais densa e metafísica que a praticada cotidianamente. Ao fácil prazer do texto sempre preferiu a assepsia, o desafios, os contrastes entre a miséria humana e o não-dito. Poucos críticos se extasiaram com os segredos da palavra de HH, dos quais se destacam Leo Gilson Ribeiro e Anatol Rosenfeld, que a colocaram ao lado de místicos – como San Juan de la Cruz – e de experimentalistas – como Guimarães Rosa (de quem era íntima amiga). Segundo, ainda, o crítico Leo Gilson Ribeiro, Hilda Hilst

“submerge o leitor num mundo intrépido de terror e tremor, de beleza indescritível e de uma fascinante prospecção filosófica sobre o Tempo, a Morte, o Amor, o Horror, a Busca”. Na juventude, HH era mais festejada por sua beleza física do que pela profundidade quase insuportável de seus versos.

HH sempre detestou “panelinhas” e ignorava o poder dos lobbies literários. “Não quero ser um espetáculo. Quero que me leiam”, costumava dizer. Sem filhos, morando em meio a esculturas talhadas em madeira, livros e muitos cães, a escritora continuava vazando diariamente a vida na literatura. Entre seus livros destacam-se “Qadós” (o livro que mais apreciava), “Com os Meus Olhos de Cão”, “A Obscena Senhora D” e “Rútilo Nada”.

Para HH, coisa punhal era mais palavra. Pensava tato e vinha negro. Água-viva-luz. Máscara de nojo, cão de pedra, era assim HH, que olhava muito para os pés. Nela um muito de todos: pompas, fachadas, mas lá no invisível se sabendo tigre. Pensares de dentro, mas nela a pequena pétala de carne. Sua vida: pergunta e palavra – o som sempre rugido vindo

PROJETO
AMÉRICA
LATINA
PALAVRA
VIVA

Educação
e Cultura

amlapav@gmail.com



da garganta abissal.

A seguir, algumas das perguntas que fiz à Hilda Hilst numa manhã ensolarada de novembro, quando de minha estada na Casa do Sol, naquele longínquo 2002.

Fernando José Karl – Hilda Hilst por Hilda Hilst, quem é?

Hilda Hilst – *Sou um pequeno vitral malva e anis decompondo-se sobre a mesa onde a música fez cômico. Meu ovo cabe na galinha. Meus pés tortos cabem no céu. Bule de prata. Bata branca. Sou um corpo rajado, um sopro do alto, que é brisa, e entorto a língua, a linguagem, disseco tripas, galopo meu quarto de um canto a outro e misturo histórias que contei antigamente. Sou Grande Caracol Baboso, lábio frouxo encantado. Já perdi dez milhões de sedas e estou aqui sovada, ampliada para a morte, coração minúsculo. Costumo, de madrugada, mas não conte a ninguém, dar lambidonas num corpo de Anjo que vermês descarnam. Acho esquisito chamar-me Hilda Hilst.*

Em 1957, por ocasião de sua primeira visita a Paris, você procurou Marlon Brando, que estava lá filmando junto com o Dean Martin. Como foi esse encontro?

Hilda Hilst – *Eu queria muito conhecer o Marlon Brando, achava-o lindo, e então me tornei namoradinha do Dean Martin só pra fi-*

car perto do Marlon. Mas eu não conseguia essa aproximação de jeito nenhum. Me vi obrigada a agüentar o Dean bêbado vários dias e, como ele não me apresentava o Marlon, resolvi ir ao hotel onde ele estava, dei uma linda gorjeta ao porteiro e perguntei o número do quarto dele. Cheguei lá, bati na porta, esperei uns dez minutos. Marlon Brando apareceu com um extraordinário robe de seda, acompanhado do ator francês Christian Marquand, que, anos depois, revelou ser seu amante. Eu estava acompanhada de uma amiga, a Marina de Vincenzi, e meio de pileque. Disse-lhe que queria fazer uma entrevista. Mas eu só olhava para os pés dele e não sabia o que dizer. Ai ele falou: “Só porque você é bonita acha que pode acordar um homem a essa hora da noite?” Ele achou graça, foi educadíssimo, mas eu não consegui entrar no quarto e dormir com ele. Fiquei decepcionadíssima. Naquela noite, novamente, ele tinha escolhido o Marquand...

O estilo confessional é um dado muito presente em sua obra. A que você atribui esse estilo?

Hilda Hilst – *Eu acho que o escritor quase sempre está inteiro naquilo que escreve. Existem, claro, momentos que não fazem parte de sua vida, mas acredito que o escritor está totalizado naquilo que escreve e, penso, isso não é só coisa minha. Você vai desdobrando possíveis personalidades suas, as*

personagens têm tudo a ver com uma parte do escritor que foi levada a um extremo de maldade, ou de beleza, ou de perfeição.

O que você escreve poderia ser traduzido assim: uma tentativa de tornar intensamente visíveis as coisas que você ama?

Hilda Hilst – *Mais que isso: definitivas, eternas. Pode ser que um dia, na hora de minha morte, eu me lembre dessa luz incidindo nesse cinzeiro. São os caminhos da luz, talvez, que você tem que percorrer dentro ou fora de si mesmo.*

Há momentos em que você viveu a perfeição, a beleza, e existe uma nostalgia da beleza dentro de cada um de nós, que seria Deus, o inominado. Penso que o homem tem a nostalgia da santidade, da perfeição, da luz.

Para terminar, rápido e rasteiro – qual o mistério dos mistérios para você?

Hilda Hilst – *Eu penso que seja a paixão, a nostalgia da paixão, que é terrível, mas que, por outro lado, faz você reviver. Para mim, me apaixonar com pudor era uma coisa maravilhosa. Mas, até mesmo nas minhas fantasias eróticas – e eu estava sempre só quando as tinha – eu ansiava por uma imagem e, vocês sabem, ansiar imagens é infernal. Você não sabe qual imagem vai olhar sua decomposição na velhice. Eu desejo que quem me olhe seja meu cúmplice, cúmplice de minha sina.*



Uma porção de gente da pequena cidade de Taió, de pouco mais de seis mil habitantes, situada a 273 quilômetros de Florianópolis, conhece de ouvir falar e de ler as muitas histórias contadas por Dona Severiana. Há quase um ano, todos os meses, causos contados por ela são publicados no jornal local. Sempre cheios de assombração, bruxas, padres, benzedeiros, peões, raios e trovões, tudo misturado com uma mão de acontecimentos nada fictícios, vivenciados por Dona Severiana e gente conhecida da colunista de “Uma história, depois outra...”.

Lageana nascida embaixo da Serra do Alambique, assina Dona Severiana Rossi Correa e completou 84 anos dia 15 de

dezembro. Menina requebra que odiava o avô paterno – escondia-se para não ter de lhe pedir a benção –, foi criada solta no meio de 11 irmãs e um único irmão. Ela conta ter sido bastante levada quando criança, mas, e quando mocinha, foi namoradeira? “Mais ou menos. Se não, não teria me casado aos 14 anos”, responde, retraindo-se até olhar por cima dos óculos.

O pai de Dona Severiana, Bernardo Rosa Rossi, nunca teve terra própria, sempre foi agregado, cuidando de muitas fazendas. Essa situação fez dele um homem dito “bem de vida”, possuidor de muitas cabeças de gado. Foi sob essas circunstâncias que Dona Severiana cresceu, sem padecer necessidades além das costumadas

Dona Severiana

A mulher das histórias guardadas em segredo

Por Eduardo Schmitz, de Taió*

meiras privações, comuns a toda a gente que morava nas redondezas de Barracão na época, atual município de Alfredo Wagner.

Alguns anos depois de ter se casado, Dona Severiana saiu de Barracão para morar no Pinhalzinho, interior de Taió, numa viagem de carro de bois que durou oito dias e cujo trajeto é percorrido atualmente em pouco mais de duas horas de carro. Logo depois se mudou para Ituporanga, e, mais uma vez, retornou com a família a Taió quando compraram uma área de terras com um engenho na propriedade de Serra Azul. Até esse tempo a família de Dona Severiana trabalhou em terra alheia. Depois, com terra própria e engenho, além do plantio, se comprava mandioca dos colonos da região. “A gente vendia o produto para os Odebrecht e os Hosang em Taió, e também

para a Cia. Lorenz”.

O engenho, porém, foi o tesouro no qual o coração da família Correa se fixaria por longos 30 anos, chegando a produzir até dois mil sacos de farinha de mandioca por ano. “O engenho era a coisa mais linda, com todos aqueles fornos e tudo o mais. Só a roda d’água tinha 10 metros de altura, uma enormidade.” Foi nesse período de comércio que o marido de Dona Severiana, João Correa – falecido há nove anos –, passou a ser conhecido como “João Fausto”, por conta do nome da mãe, Dona Fausta.

Os trinta anos do engenho foram um período de muito trabalho e progresso, com os Correa ombro a ombro no roçado. “A filharada toda trabalhava, não tinha moleza, não.” Quem conhece pessoalmente a Severiana contadora de causos, uma simpatia em pessoa,

de fala alta, não imagina que ela já foi mulher muito brava com os filhos. Quando se toca nesse assunto, Dona Severiana cobre os olhos e balança a cabeça de um lado para o outro: “Vixiiii! Nem fale. Houve um tempo em que meu marido cortou a soitera [chicote] em cima de um banco com o facão, porque eu dava demais nas crianças com a soitera. Mas todo mundo gosta de mim e, graças a Deus [com a ajuda do chicote], nenhum dos 16 filhos saiu ladrão, velhaco nem bandido.”

Quando compara o tempo passado com o presente, diz simplesmente que “antigamente era mais difícil, mas também mais fácil”. Contradição? Que nada. Ela explica: “Vinha planta sem ser preciso colocar adubo e veneno. Vinha com a natureza. Desde pequeninos todos ajudavam na roça, e a condução era carro

de bois, cavalos. Era mais fácil criar família. Hoje não é mais assim. Ninguém dá conta da educação. Pai que bate em filho é capaz de ir preso”.

Contadora de causos mesmo só agora, que Dona Severiana está aposentada. Explica que quando era jovem não dava tempo de guardar todas as histórias na cabeça. O que ficou foram as que, sem perceber, “estavam sendo guardadas em segredo”. Histórias

* Eduardo Schmitz é jornalista e edita o jornal *Observatório Local*, de Taió - www.observatoriolocal.com.br

Arquivo pessoal



as que persistiram na memória são das vivências e dos causos compartilhados nas rodas de chimarrão, tomando café, comendo polenta, carne, lingüiça, queijo e ovos. Um cardápio e tanto para se recolher personagens e enredos fantásticos dos vizinhos, parentes conhecidos e amigos que visitavam a casa de Dona Severiana ou em viagens esporádicas que fazia. O pano de fundo quase sempre se repete: dias de muita chuva e de tormentas assustadoras.

Das próprias recordações, aponta como inesquecível o dia em que caiu num “tapume”, após uma chuarada, ficando com água até a altura do peito. Foi em 1942, quando tinha 19 anos, há 20 dias de ter dado à luz a filha Carmem. Como resultado, colheu 18 dias de cama, totalmente inconsciente. “Acharam que eu ia morrer e deixar as crianças.” Foi então que o marido ordenou ao cunhado que fosse procurar ajuda para Severiana. Eram 20 quilômetros da serra onde moravam até o centro de Barracão. Por sorte, o cunhado encontrou uma velha parteira que correu em auxílio da jovem moribunda com um tratamento a base de ervas, aplicado sobre os pés arroxeados da enferma.

Três dias depois do tratamento ela sentia melhoras. “Quando voltei foi como se não existisse mundo. Eu não tinha marido, não tinha filhos, nada, nada. Quando falavam comigo eu recordava, mas logo depois voltava o esquecimento e apagava. Pra piorar, depois de tudo isso fui ficando surda, sentia um estouro dentro da cabeça, uma trovoadas.” O gozado, quando relembra essa história, está em saber que, após a amnésia e a surdez, Dona Severiana diz ter ficado careca. “Caíram todos os cabelos da cabeça. Eu sempre tive

cabelos lisinhos, depois vieram cabelos assim, encaracolados.”

Hoje Dona Severiana mora com a filha Luzia e o neto Alexandre numa casa de madeira, em Braço da Erva, às margens da SC-422 e a poucos quilômetros do centro de Taió. Ela nunca fumou nem bebeu. Geralmente vai dormir tarde, bem depois da novela – um detalhe, não gosta de televisão a cores, diz que dá reflexo nas vistas. Acorda cedo, lá pelas 6 horas. À tarde, quando o sol desce, vai capinar no quintal. E ri ao ouvir que ainda terá vida longa. “Ah! Meu Deus é quem sabe. Tem horas que me animo, tem horas que desanimoo”, e, então, emenda: “Do lado de meu pai são gente fácil de morrer, do lado de minha mãe gente dura de morrer”. Conta que sua avó morreu com 110 anos e que de doença tinha só, vez por outra, uma “dorziinha bobinha” de cabeça, mas que era prontamente despachada com chá de gervão. O avô, Porcedônio Padilha, foi outro fenômeno, viveu até os 135 anos. “Me lembro do velhinho, tinha uma barbona comprida. Ele não ficou um velhinho nojento que anda caindo por aí, não. Ele só ficou fraco, fraco das idéias, brincava como uma criança; também, com aquela idade toda, alguma coisa haveria de ser”

Em sua trajetória, Dona Severiana viveu a colonização do Alto Vale do Itajaí. Nasceram-lhe os 16 filhos (3 morreram), vieram os 56 netos, depois os 66 bisnetos e os 4 tataranetos. “Sim, claro, minha descendência é grande”, afirma, e, provavelmente, do tamanho da disposição que tem para contar boas histórias, sentada no sofá vermelho de corvin na sala de visitas, sempre acompanhada da cadela Tuca, que gosta de correr atrás de lebres.



Dois causos de Dona Severiana



A mulher sem espírito

Um compadre meu contou que quando ele morava serra acima, pros lados de Canoinhas, numa época em que não existiam estradas, só picadão, sabia ele que nas redondezas havia uma mulher que estava doente há um par de tempo.

Aconteceu assim: essa mulher estava sempre doente, muito doente. Quando foi um dia o pai do compadre Cláudio – porque o nome desse meu compadre era Cláudio – lhe disse: Cláudio, vamos lá até a casa de fulana. Já vai tempo que não vou fazer uma visita. Quero ver como ela está. Aí, eles dois foram até a casa da dita mulher.

Chegando na casa, amarraram os cavalos debaixo de uma árvore – naquele tempo cada morada tinha um pé de árvore bonito pra se amarrar os cavalos –, e entraram, o pai mais o filho. Quando o compadre entrou dentro daquela casa, homem do céu, deu vontade de correr, contava ele. Deu vontade de correr de tão feia que estava aquela pessoa. Estava horrível mesmo: toda descabelada e com as unhas compridas, chegando a atravessar as palma das mãos. Estava comparada a um monstro. Decerto, a coitadinha não tinha cul-

pa de estar daquele jeito. O compadre Cláudio fugiu de lá pra nunca mais voltar. Ele sempre contava ter ficado com muito medo, e só de ter olhando pra infeliz.

Aí, dias, meses e anos se passaram e nada daquela mulher melhorar. Chegou o tempo em que os filhos dela disseram: “Vamos buscar um padre longe daqui, porque médico já não adianta, nem curador”. Ninguém achava a doença dessa mulher. Trouxeram então o padre que conversou com ela. Ela só falava, não comia, bem bebia e nem dormia. Falava direto.

O padre chegou até os filhos dela dizendo: “Vocês todos vão morrer e tua mãe vai ficar por aí. É capaz – falava o padre – de daqui a 30 ou 40 anos ela estar ainda atormentando”. “Sim, padre, mas o que nós podemos fazer?” – perguntaram os filhos. “Um palpite pra vocês: peguem ela um dia de noite, bem altas horas, e levem para bem longe mato adentro. Chegando lá, tirem ela da maca e a abandonem bem juntinho de uma árvore.” “Mas padre! É nossa mãe!”, retrucaram os filhos. “Já faz muito tempo que não é mais, desde o tempo que caiu doente – explica o padre – o espírito dela foi-se embora para não mais voltar. Ficou somente o corpo.” E assim fizeram os filhos, segundo o conselho do padre.

O avô fazedor de barro

Quando meu avô, José Leandro da Rosa, ia chegando em nossa casa eu fugia dele pra não ter que pedir a bênção. Não gostava dele porque era fofoqueiro. Ele nos fazia apanhar.

A gente, quando vinha da escola, vinha morrendo de fome e por isso andava comendo de tudo quanto era fruta pelo caminho, à beira de um perau. Lá tinha pés de árvores que davam umas

frutinhas roxinhas bem gostosas, em cachos. Ele estava sempre fazendo barro, de pé, olhando, só pra ver se a gente estava fazendo arte. Foi aí que peguei a ter raiva dele.



Fotos: Ricardo Casarini

Retrato sobre o Retrato

Por Raul Fitipaldi, de Florianópolis

Caminhava entre papéis de artigos a publicar, e incinerar, à procura de uma idéia delinqüente que me roubasse uma horinha feliz para dedicar-lhe à nossa *Pobres*, tão rica de idéias e sensações, na soleira do número dez e do fim de ano. Declaro, antes de mais nada, que não sei por que dois dígitos e o ano novo cristão-branco nos chamam tanto a atenção, mas vou relevar isso e dedicar-me ao que me importa; lavrar nosso último encontro do ano com as *Nojentas*.

Caminhava à busca então, meio per-

dido, tantas são as mulheres homenageáveis desta Pátria Grande que nenhuma merecia mais do que outra fechar o ano. Desses labirintos vinha quando, para adoçar o ouvido, coloquei a tocar um disco da tucumana Mercedes Sosa: uma recopilação das tantas que falam baixinho pelas estantes da casa. Não é que do redondinho surgiu a maior de todas as mulheres como de uma mágica instância?

No embalo daquela voz vertida da pacha-mama surge essa mulher. Total.

A única capaz de sintetizar todas. A que as descreve com largura amorosa e profunda. Porque ela é todas das nossas, das da transformação, das rebeldes, das socialistas, das latino-americanas, das enormes como as cordilheiras e sutis como o orvalho da primavera. Daquelas da luta encarniçada pela paz do amor. Dela então, e só dela quero falar agora. Um detalhe apenas: seu retrato nasceu da mão do homem, de dois homens precisamente, não por desígnio machista, apenas porque aquela mulher, única e completa, simples e total, foi parida literariamente por dois senhores, Patrício Manns e Horacio Salinas*, que desta única e ímpar, desenharam, em 1978, o presente Retrato.

“De amplo mel era seu coração em agraz e sua boca loquaz como um vento fluvial.

A corrente total de seu sangue em ação arrasava-a em turbilhão convencido e caudal.

Não foi estranha ao tear, pela usina passou, à greda voltou, retornou do mar, do meu lado dormiu.

Germinou com aquele resplendor maternal que a fazia favo e a enchia de ser.

E aprendeu a compreender, e compreendeu ao pensar, e pensou ao militar e militou ao crescer.

Não foi estranha ao tear, pela usina passou, à greda voltou, regressou do mar e ao meu lado sonhou.

Quando ardeu a cidade, quando o tanque ar rasou, e seu povo caiu traído outra vez. A vi muito através dos meses atuar, trabalhar, ajudar, desgarrar-se os pés.

Não foi estranha ao tear, pela usina passou, à greda voltou, regressou do mar.

E desapareceu.”

Naveguei mar fundo no universo virtual para saber quem era essa mulher-musa de Patrício Manns e Horacio Salinas, e a encontrei na rua, na televisão, nos livros de história, no mundo real. No nosso mundo real latino-americano. Tão próxima a mim, que emudeci, calei para sentir seus passos, para ouvir sua respiração, para me perfumar do seu hálito. A vi; vi sua cara índia, negra, branca, amarela, cobre, a vi no meu bairro, na minha rua, no meu jardim, no meu quarto. Seu nome? Ah, seu nome não sei.

Meu amigo, porque não lhe batiza com o nome da sua companheira? Faça-o, faça-o todos os dias, todas as horas. E você companheira, também está curiosa pelo nome desta mulher que habita magnífica em todos nós, em toda nossa Abya Yala? Batize-a com seu próprio nome então. Lute na rua, na escola, na fábrica, na casa, na boa luta pela liberdade desta terra nossa, desta Pátria Grande. Lute para que nunca mais desapareça. Você é essa mulher, desculpe se ninguém lhe falou antes.

* **Retrato** é o nome de uma canção de Patrício Manns, músico e literato, nascido no Sul do Chile em 1937 e um dos fundadores da Nova Canção Chilena, movimento dos anos 60. Horacio Salinas foi diretor musical do grupo chileno Inti-Illimani entre 1967 e 2001 e é diretor musical do Inti-Illimani Histórico de 2004 até agora.





telesur e TV Brasil: qual a diferença?

Por Elaine Tavares, de Florianópolis

Uma televisão com a cara da gente. Esta é a proposta da Telesur, criada por Hugo Chávez na Venezuela, num dia 24 de julho, dia em que se celebra o aniversário de Simón Bolívar. O projeto, que começou a caminhar em 2005, tem como propósito ligar toda a América Latina através de um único canal que apresenta contribuições de todos os países. É, portanto, uma emissora multi-estatal, tocada por múltiplos governos. Os primeiros países a toparem a idéia, além da Venezuela, foram Cuba, Uruguai e Argentina. Desde então, o canal transmite 24 horas por dia, trabalhando com informação e formação. A televisão tem correspondentes em todos os países da América Latina, Estados Unidos, Europa e África, sem-

pre atuando na lógica da comunicação popular. Um de seus mais importantes princípios é o respeito às diferenças culturais e, por isso, na Telesur não há restrições a vestimentas e sotaques. Tudo o que não se quer é a pasteurização, típica da CNN em espanhol, rede estadunidense que transmite para toda a América Latina.

Por isso, na Telesur, os correspondentes falam do jeito da sua gente e, fundamentalmente, mostram as notícias que nunca sairiam nos canais comerciais. Lutas de trabalhadores, movimentos sociais, protestos, ações afirmativas, documentários sobre a história da vida e das lutas dos empobrecidos, filmes que não passam nos circuitos dominados pelas mega-

empresas estrangeiras, documentários sobre as culturas locais, sobre artistas populares, enfim, a vida mesma, e não o seu pastiche.

Além disso, um dos pilares da produção da Telesur são os trabalhos independentes e comunitários, ou seja, a televisão sendo feita pelas gentes comuns, pelos comunicadores populares, pelos movimentos em luta. Esse é um diferencial importantíssimo. Segundo o presidente Hugo Chávez, autor da idéia, é fundamental que as pessoas se sintam responsáveis pela produção do que sai na TV. Não é à toa que boa parte dos jornalistas venezuelanos fazem ferrenha oposição ao presidente, porque, segundo eles, isso acaba tornando o trabalho profissional do jornalista algo descartável. Polêmico, Chávez enfrenta o debate e mostra claramente o papel que esta parte do jornalismo vem cumprindo na sociedade venezuelana. Desde sempre, o jornalismo que se expressa nas grandes redes comerciais nada mais é do que portavoz do poder econômico. A vida do povo venezuelano não aparece na televisão, daí a necessidade deste mesmo povo tomar nas mãos a tarefa de contar sua história. Isso não significa que a Telesur não tenha jornalistas, muito pelo contrário. A rede diferencia muito bem o que é o setor de jornalismo e os programas que trabalham na linha documental, onde então aparecem os trabalhos feitos de forma independente e comunitária. Por isso, todo o protesto dos jornalistas cortesãos do poder econômico e das multinacionais é meio vazio de sentido.

Mas é justamente essa diversidade de olhares e a proposta de libertação da palavra que tornam a Telesur uma rede maldita. Nos Estados Unidos já estão a todo o vapor, dentro do Senado, as propostas de terrorismo cósmico. Ou seja, existe até um projeto de lei, do congressista representante do estado da Flórida, Connie Mack, que exige dos Estados Unidos uma ação de interferência no sinal de satélite da Telesur, para evitar, assim, que a rede transmita idéias *anti-americanas*. Isso sem falar nas propostas de criar canais exclusivos de transmissão desde os Estados Unidos para a Venezuela, fomentando o ódio a Chávez. O trágico de tudo isso é que a gente ouve todos os dias, nas redes de televisão brasileiras, todo o tipo de absurdo contra Chávez e seu governo, mas sobre essas arbitrariedades estadunidenses não há quem

diga qualquer palavra. Os Estados Unidos podem usar seu braço midiático armado, a CNN, para difundir o terror, o preconceito e o ódio. Para eles tudo está liberado. Mas Hugo Chávez precisa ser detido. Ele é o louco. Assim, enquanto os congressistas estadunidenses tramam contra a América Latina (porque a Telesur hoje já se expandiu por mais países como a Bolívia, o Equador e a Nicarágua), as redes comerciais e todas as mídias se empenham em incutir o ódio a tudo que venha da Venezuela, menos o petróleo, é claro.

E o Brasil?

O governo de Luiz Inácio, desde o começo da proposta chavista, se comprometeu a dar apoio logístico, mas a intenção era de também criar um canal estatal internacional. O presidente brasileiro parece não suportar ter perdido a dianteira de uma idéia tão inovadora quanto a que teve o seu colega venezuelano. E tanto fez que, no ano de 2006, conseguiu colocar no ar, também por 24 horas, a TV Brasil, que é uma cópia mal-acabada do projeto da Telesur, visto que tem o propósito de chegar também nos demais países latino-americanos. A diferença que Luiz Inácio pretendeu imprimir no seu canal foi a de não ser uma emissora estatal e sim pública, o que teoricamente a colocaria nas mãos da sociedade e não do governo. Assim, para os que acusam Chávez de ser um ditador, fica também muito cômodo fazer comparações com a TV brasileira e dizer que lá, na Venezuela, a informação é manipulada e controlada pelo presidente, enquanto que aqui, não.

Neste ponto é bom retomar à velha parábola dos dois filhos que Jesus conta nos evangelhos. O pai manda o filho trabalhar na vinha. Um diz: sim, pai. E não vai. O outro diz: não vou, seu velho chato. E vai. No caso das televisões em questão acontece a mesma coisa. A Telesur é uma rede multi-estatal, portanto, controlada pelos governos. Mas, pelo menos na Venezuela, o controle quem tem – cada dia mais – é o povo organizado. É dele que saem as produções e tudo o que se faz sai na TV. Já no Brasil, a TV pública acaba de anunciar o seu Conselho Curador. Foi todo ele escolhido arbitrariamente pelo presidente Luiz Inácio, assim como a diretora da TV também o foi. E vale lembrar que a pessoa escolhida

para comandar o canal “público” é uma ex-alta-funcionária da Globo.

O Conselho Curador definido pelo presidente tem 15 membros que, segundo ele, bem representam a sociedade brasileira. São eles: Ângela Gutierrez, empresária e colecionadora de arte, Cláudio Lembo, ex-governador de São Paulo (DEM, antigo PFL), Delfim Netto, ex-deputado federal, Ima Vieira, diretora do Museu Paraense Emílio Goledi, Isaac Pinhanta, professor indígena, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, empresário e consultor da Rede Globo, José Martins, engenheiro mecânico, José Paulo Cavalcanti, advogado e jornalista, Lúcia Willadino Braga, diretora da Rede Sarah de Hospitais, Luiz Edson Fachin, professor de Direito da Universidade Federal do Paraná, Luiz Gonzaga Belluzzo, economista, Maria da Penha Maia, biofarmacêutica cearense, MV Bill, rapper e militante do movimento negro, Rosa Magalhães, carnavalesca, e Wanderley Guilherme dos Santos, professor de teoria política da UFRJ. Além deles os ministros da Educação, Fernando Haddad, da Ciência e Tecnologia, Sérgio Resende, e da Cultura, Gilberto Gil, também estarão entre os integrantes do Conselho Curador.

Segundo a assessoria do presidente, o eclético conselho está baseado na diversidade regional e na pluralidade. Uma boa olhada nos nomes e já se pode perceber quais as forças que vão exercer a hegemonia desta propagada “pluralidade”. Boni, ex da Globo e dono de TV, Delfim, o ministro da ditadura, Lembo, do velho PFL, enfim, raposas cuidando do galinheiro. Como o ministro das comunicações também é cria da Globo, qual será a linha que a TV Brasil seguirá? Alguém arrisca um palpite?

E a sociedade espera

No meio desse turbilhão, enquanto também se discute de maneira subterrânea a TV digital, a sociedade e os movimentos organizados parecem adormecidos. São tantos os prejuízos causados às gentes que não há pernas para travar todas as lutas. Assim, acabam-se fazendo as batalhas mais imediatas como as que dizem respeito à sobrevivência. Lutas contra a reforma da Previdência, defesa da universidade pública, por moradia, reforma agrária, enfim, os eternos problemas estruturais que seguem aprofundando o

abismo entre os ricos e empobrecidos. Do ponto de vista corporativo, a categoria dos jornalistas vem discutindo a questão da TV pública e não é de hoje que tem exigindo do governo a realização de uma Conferência Nacional de Comunicação para discutir a comunicação no seu todo. Mas, até agora, o governo se mantém surdo e nada da conferência.

No caso da TV Brasil as polêmicas são grandes. Na verdade, apesar de o canal já estar no ar, o Congresso Nacional ainda não aprovou a sua criação e o governo o mantém sob medida provisória (na Venezuela isso seria considerado autoritário e anti-democrático). Havia uma expectativa com relação ao Conselho Curador, pois este será o órgão deliberativo de todo o processo da TV Brasil, e acreditava-se que esse conselho pudesse ser definido de maneira mais aberta, acolhendo entidades e movimentos sociais. Agora, com a escolha partindo diretamente do presidente, fica uma certa perplexidade. Quem afinal pode garantir que este grupo, saído da manga de Luiz Inácio, de fato represente a pluralidade?

Uma das representantes do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), Vera Canabrava, diz que a nomeação do conselho poderia ter contemplado uma representação mais coletiva da sociedade, mas, em linhas gerais, a idéia da TV Brasil é bastante bem-vinda. Segundo ela, não é hora de jogar pedra no governo, e sim lutar pela Conferência Nacional de Comunicação, que pode dar diretrizes mais democráticas para o setor.

Já Bia Barbosa, do grupo Luta Fenaj, oposição à atual direção da Federação dos Jornalistas, questiona de forma muito dura o processo pelo qual a TV Brasil vai sendo construída. “Vários debates feitos pelos jornalistas e pela sociedade já indicavam a necessidade deste conselho ser escolhido pelas entidades do movimento social. Não o foi. Além disso, a composição mostra empresários, quadros conhecidos da direita tradicional, gente ligada à Globo etc..., e há uma completa ausência de representantes dos movimentos sociais organizados.” Ela deixa claro que o grupo não é, em hipótese alguma, contrário à idéia da TV Brasil. Muito pelo contrário, apóia e quer ver crescer a proposta de uma TV verdadeira-

mente pública. Mas insiste que o modelo de gestão da TV Brasil está longe de ser o ideal. “A medida provisória que criou a televisão é muito clara: quem indica direção e conselho é o presidente. Fala que a próxima gestão será submetida a uma consulta pública, mas não estabelece como”.

Tanto o FNDC quando o Luta Fenaj estão na luta pela realização da Conferência Nacional de Comunicação, mas é óbvio que não dá para jogar para este fórum, que ninguém sabe quando vai acontecer, as discussões acerca da TV Brasil, como bem lembra Bia Barbosa. É preciso que não só os jornalistas e comunicadores, envolvidos visceralmente no caso, mas também os sindicatos e os demais movimentos sociais sejam capazes de fazer uma reflexão crítica acerca do que significa esta emissora de televisão e sobre como ela deve ser gerida, visto que é pública e não estatal.

Os desafios

A proposta de uma TV pública é, em si, um avanço, mas sem o controle da população sobre ela, muito pouco pode significar. Não basta apenas a luta contra a baixaria ou por uma regulamentação de horários nos quais determinados conteúdos não podem ser veiculados. A população brasileira, assim como a da América Latina, não por sua vontade, mas por conta de séculos de exploração e domínio das elites predadoras, é praticamente oral. Absorve as informações muito mais pelo ouvido (rádio e TV) do que pela leitura. Então, não compreender a importância deste debate acerca das emissões televisivas pode significar uma derrota para a cultura e para a política nacional.

Neste sentido, é fundamental que os sindicatos e movimentos populares mantenham sua atenção neste processo e protagonizem ações concretas de tomada de controle. Uma TV pública é mantida pelo dinheiro de todos os contribuintes e quem deve



ter o controle, de fato, é o povo, não o governo. O desafio está em se definir mecanismos reais para o exercício deste controle. Não pode ser o presidente que, de sua cabeça, tire os nomes daqueles que vão compor o conselho que dará a direção ao trabalho. Esse conselho deve ser expressão das forças vivas que atuam na sociedade.

E para que não venham os adversários de sempre atirando pedra, e acusando de sectaristas os críticos do presidente, poder-se-ia até admitir que o primeiro conselho fosse escolhido assim, por Luiz Inácio, mas pelo menos deveria ser provisório, até que as entidades e movimentos que são protagonistas da vida política pudessem discutir e deliberar sobre isso. Aí, sim, seria possível dizer que existe uma TV pública no Brasil. Caso contrário, é estatal, sob o controle das forças que controlam o governo.

Na Venezuela, a Telesur, que é um projeto multi-estatal, não escamoteia. Está a serviço dos governos, mas estes exercem um “poder obedencial”, ou seja, mandam obedecendo aos desejos das gentes. E caminham num processo cada vez mais participativo. Cometem equívocos aqui e ali, mas estão encarnados no povo. E o povo, por sua vez, se faz protagonista. Aí reside, talvez, a diferença.

Leia mais no Observatório
Latino-Americano: www.ola.cse.ufsc.br

Minhas Memórias de África

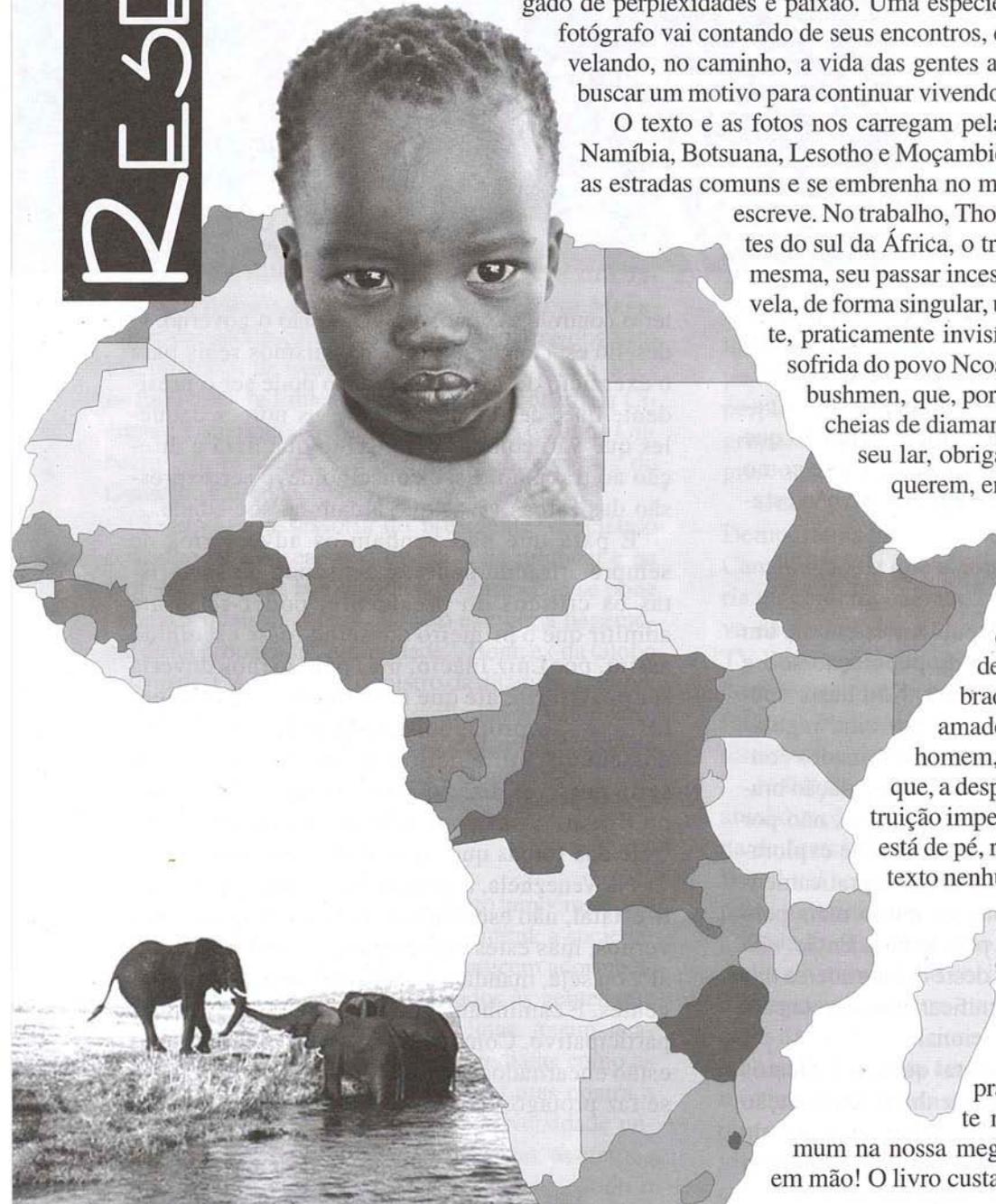
Já está à venda mais um artigo que tem a parceria da *Companhia dos Loucos*, editora que tem entre seus produtos a revista *Pobres & Nojentas*. É o livro do fotógrafo paulista Thomas Bisinger *Minhas Memórias de África*. O trabalho é um misto de crônica, reportagem, poesia e sentimentos à flor da pele. Um olhar branco, brasileiro, sobre parte da África, carregado de perplexidades e paixão. Uma espécie de diário de viagem, no qual o fotógrafo vai contando de seus encontros, desencontros, ódios e amores, revelando, no caminho, a vida das gentes africanas e daqueles que lá foram buscar um motivo para continuar vivendo.

O texto e as fotos nos carregam pela África do Sul, pelo Zimbábue, Namíbia, Botsuana, Lesotho e Moçambique, numa jornada que ultrapassa as estradas comuns e se embrenha no mundo interior de quem observa e escreve. No trabalho, Thomas revela o cotidiano dos viventes do sul da África, o trabalho, a dança, a alegria, a vida mesma, seu passar incessante e inexorável. Também desvela, de forma singular, uma chaga aberta, ferida sangrante, praticamente invisível aos olhos ocidentais. A saga sofrida do povo Ncoakhoe, chamado pelos brancos de bushmen, que, por conta da riqueza de suas terras – cheias de diamantes – estão sendo desgarrados de seu lar, obrigados a viver de um jeito que não querem, em reservas, definhando e perdendo a ancestral alegria de uma gente coletora.

Minhas Memórias de África é, então, muito mais do que o relato textual e fotográfico de um viajante. É um retrato assombrado de um longínquo lugar, muito amado, um diálogo amoroso entre um homem, um universo distante e um povo que, a despeito de todas as tentativas de destruição impetradas pelos colonizadores, ainda está de pé, resistindo, do seu jeito. Não há no texto nenhum juízo de valor. Só o relato e as perguntas... Muitas perguntas...

Mas, como se diz, no bom jornalismo, libertador, mais valem as boas perguntas. Já as respostas, estas cabem ao leitor...

Quem tiver interesse em comprar o livro é só escrever para a gente no eteia@gmx.net. Como é comum na nossa megaeditora, as vendas são de mão em mão! O livro custa R\$ 25,00.





Uma coluna
culinária
com o carinho da
vovó,
a dedicação da
mamãe
e o tempero da
mocinha...

Arroz de carreteiro com batata

Outro dia, conversando com amigos, me peguei teimando com eles sobre o arroz de carreteiro. Isso pela surpresa que demonstraram quando citei a batatinha (batata inglesa) como um dos ingredientes do tal prato. “Arroz de carreteiro com batata? Nunca vi disso!” “O carreteiro que eu conheço leva basicamente arroz e charque” “Lá em casa sempre se fez carreteiro com sobra de churrasco”... E seguiu-se a discussão.

Na minha infância, o arroz de carreteiro era o prato do sábado, preparado pela minha mãe ao gosto do pai, caminhoneiro acostumado ao prato, fácil de preparar e de receita simples. Entretanto, não mais uma receita original. Isso porque a origem do prato remonta aos tropeiros que, na região Sul do país, realizavam suas viagens transportando gado e mercadorias e, sem condições de transportar mantimentos perecíveis, levavam consigo o arroz e o charque. A mistura dos ingredientes oferecia um prato consistente e forte para recuperar as energias dos viajantes.

Mais tarde, foram-se as carretas (ou carroças) e os cavalos e vieram os caminhões, que continuaram cruzando o país levando mercadorias. Para os caminhoneiros como meu pai, um pequeno fogareiro ao lado do caminhão e vários ingredientes preparados numa grande panela de ferro continuaram sendo a opção para se alimentar.

Uma rápida pesquisa na internet foi o suficiente para descobrir que, com o passar do tempo, cada hábito local, cada região desse grande Brasil, cada ingrediente mais facilmente encontrado, acabou por produzir uma nova versão de arroz de carreteiro. Há, inclusive, receitas mais requintadas – o que diriam os velhos tropeiros? – prevendo conhaque, a pimenta moída na hora, arroz importado, filé picado em cubos... Mas não consegui descobrir alguma receita que levasse a tal batata inglesa...

Foi preciso uma pesquisa familiar para esclarecer: “Filha, porque você acha que o pessoal costuma usar a expressão ‘alemão batata’?” Simples assim: um caminhoneiro de origem alemã, com uma esposa de origem alemã e morando no Extremo-Oeste de Santa Catarina só poderia acrescentar, como ingrediente próprio para uma receita tradicional, a batata!

Portanto, para esta edição da *Pobres & Nojentas*, uma receita barata, simples e com um toque pessoal: um “arroz carreteiro de alemão batata”.

Ingredientes:

- 1 kg de carne moída (pode ser substituída por sobras de churrasco cortadas em pequenos cubos)
- pedaços de lingüiça, ou charque, ou bacon
- 4 cebolas médias picadas em cubinhos miúdos
- 4 batatinhas cortadas em cubos
- 3 colheres de sopa de óleo
- água quente
- 1 kg de arroz
- 6 dentes de alho amassados
- 5 tomates grandes e maduros picados
- salsa e cebolinha verde a gosto

Modo de fazer: frite a carne e os pedaços de lingüiça no óleo (se usar o charque, não esqueça de dessalgar). Refogue o alho e a cebola e, em seguida, acrescente o tomate. Depois de alguns minutos, acrescente o arroz e a batata. Cubra com água quente, tampe a panela e deixe cozinhar. Acrescente água sempre que necessário, até que o arroz e a batata estejam passados. Quando estiver quase pronto, coloque a salsa e a cebolinha, misture e deixe no fogo por mais um minuto. Sirva de preferência na própria panela, que, se possível, seja de ferro.

**P&N
indica**

<http://eteia.blogspot.com>

Blog de Elaine Tavares, crítica
afiada desde el Sur

www.nautikkon.blogspot.com

Blog de Fernando Karl, beleza
em texto e imagem

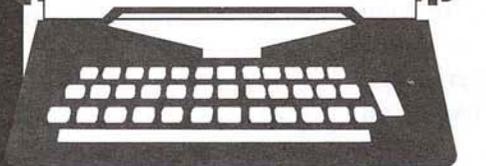
Apoio Cultural

SINDPREVS/SC - Sindicato dos
Trabalhadores em Saúde e
Previdência do Serviço Público
Federal no Estado de Santa
Catarina.

www.sindprevs-sc.org.br

SINERGIA - Sindicato dos
Eletricitários de Florianópolis e
Região - Sinergia.

<http://sinergia.org.br>



Assine *Pobres & Nojentas*

5 edições (bimestral): R\$ 23,00
(estão incluídas as despesas com o Correio)

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil
nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e
hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)

A vida é f...

Por Celso Vicenzi, de Florianópolis

A vida é feita de fatos, fetos, filhos, folias, fugas, façanhas, fascínoras, fadigas, falências, falhas, falos, falas, fama, família, fanáticos, fantasias, fariseus, farpas, farras, festas, frenesi, fuzuê, farsas, fartura, fome, fascinação, fatalidades, fauna, flora, fausto, fé, fervor, felicidade, feminilidade, fertilidade, fenômenos, fetiches, feudos, fiascos, fibra, ficção, fidalguia, fidelidade, filantropia, filosofia, fineza, flagelos, fofocas, futilidades, futricas, fuxicos, fôlego, formalidades, formosuras, fórmulas, fortunas, fracassos, fracos, fortes, frágeis, frouxos, fragrâncias, flagrantes, francos, falsos, fraternidade, fraudes, fronteiras, frustração, fúria, fases... até fenecer, até o fim.

Diferença - Estamos todos no mesmo barco, é verdade. Mas os ricos vão de primeira classe.

Atitude - O problema do Brasil é que mesmo diante de preços gritantes o consumidor se mantém calado.

Nova Redação - Lei: Regra de direito ditada pela autoridade estatal e tornada obrigatória para aqueles que não têm muito dinheiro.

Nível - Quem lê "por alto" instrui-se por baixo.

Não sobra nada - O mundo anda tão privatizado que corre-se o risco de não ter mais fato de domínio público.

Alto lá! - Com essa mania do politicamente correto ainda vão exigir autorização do Ibama para fazer sexo selvagem.

No batente - Deus fez o mundo em seis dias e no sétimo descansou. Mas o diabo continua trabalhando até hoje.

Celso Vicenzi, jornalista, 49 anos, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito. Seu primeiro emprego, aos 16 anos, foi numa emissora de rádio, onde escrevia textos de humor. Como a grande e a média imprensa nunca abriram espaço para que assinasse uma coluna diária de humor, apelou para a pequena imprensa e, por isso, colabora mensalmente com o Jornal de Barreiros. Nesses 33 anos de profissão, garante que ganhou muito dinheiro, porque sempre "vendeu caro as suas derrotas".

Sem âncora

Por Rosangela Bion de Assis
de Florianópolis

Um dia ninguém me encontrará
onde eu seja esperada.
Vou seguir reto pela avenida confusa
até encontrar o mar vaidoso
com seu terno reluzente.
Desligarei meu velho localizador,
mas é provável que não notem
minha revoada.
Meu lanche será servido sob uma laje
úmida
com vista para andorinhas animadas.
Minha tarefa será não pensar nos ponteiros
em marcha atlética
e não prever algum desencontro.
Vou iniciar uma leitura fresquinha,

especialmente guardada para este dia,
que poderá ser uma tarde de primavera
ou algumas horas no inverno.
Buscarei uma flor improvável,
um animal perdido,
uma pipa animada, sem âncora.
Só minhas botas gastas
saberão do meu paradeiro.
Este dia ainda não chegou,
mas está sendo estudado como uma tese,
que precisa comprovar
que uma criatura que reza todos os dias
também é capaz de sair do trilho.
Nem que seja por instantes
no meio de uma tempestade.

POEMA





Transmutação

Agora já não existem
heróis nem vencidos*
Não importam as estrelas
que velaram negras manhãs

*Agora o céu é de todos
e a vida (sobre) existe
no limite de cada esperança

Dinovaldo Gilioli